

# Relatório do Comitê Temporário de Paridade de Gênero

## 19 de dezembro de 2017

---

1. Cicloativismo, desigualdade de gênero e direito à cidade
2. Apresentação
3. Participantes
4. Não basta não ter machismo
5. O machismo estrutural afeta a Ciclovida
6. Ausência de mulheres gera ausência de mulheres
7. As Ciclanas atraem as mulheres cicloativistas
8. Os caminhos das Ciclanas eram distintos dos rumos da Ciclovida
9. A mudança deve partir de mulheres
10. *Mansplaining*: a Ciclovida aparenta ser um grupo fechado e elitizado
11. Recomendações

## 1. Cicloativismo, desigualdade de gênero e direito à cidade

Inicialmente, pretende-se discutir aqui fatores e razões que estejam para além das discussões da pouca presença de mulheres no cicloativismo. Antes de pensarmos nos possíveis motivos que fazem as mulheres quererem participar mais ou menos de determinados espaços, é preciso problematizar quais são as condições e as circunstâncias que permitam não apenas um maior número de mulheres nesse espaço, mas de uma participação mais efetiva em qualidade.

Pensar as disputas dos espaços públicos, da mobilidade urbana e dos corpos que podem usufruir mais ou menos a rua é pensar, principalmente, a percepção de público/privado que circunscreve todas as nossas relações sociais, desde as mais íntimas. Historicamente, a relação entre os sexos feminino e masculino sempre foram de oposição e de assimetria, em que o primeiro se coloca a serviço do segundo. Muitas teóricas feministas tentam decifrar a origem das desigualdades de gênero.

---

---

O patriarcado, sistema em que a força reprodutiva das mulheres é colocada à disposição dos homens, mostra-se como uma das grandes explicações que são dadas para entender a origem dessa disputa sexual, entendendo a mulher como o primeiro objeto a ser tomado como propriedade privada. Nesse contexto, as civilizações ocidentais têm entendido, desde muito tempo, a mulher não apenas como um objeto de posse, sobre o qual o homem deteria todo o poder, mas também – por ter sido objetificada – um sujeito inferior, menos desenvolvido e incapaz de pensar por si.

Neste movimento de inferiorização, junto ao desenvolvimento da modernidade no ocidente, cada vez mais as mulheres eram designadas ao espaço do lar, do privado, tornando-se um ser apolítico, ou seja, inábil para discutir as questões da pólis. Essa separação bem demarcada entre quem eram os sujeitos que podiam ocupar o espaço da “respublica” (“espaço do povo”) e os que eram designados às atividades domésticas, do lar, não dizia respeito apenas sobre uma simples divisão sexual do trabalho, mas sobretudo quais eram as vozes que poderiam ser escutadas e as vozes silenciadas.

Mesmo com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, com a implementação do capitalismo industrial no ocidente, a inferiorização do feminino foi perpetuada, ainda que elas empregassem a mesma força de trabalho que os homens. As barreiras do lar foram rompidas pelas mulheres, mas a sujeição histórica a que foram acometidas se repetia (e continua se repetindo) nos espaços públicos, no trabalho, dentro das famílias e em diversas esferas. A disputa do espaço público pela mulher como uma disputa política – de ser um sujeito que não apenas ocupa, mas quer ser visibilizado e ganhar voz – é um movimento que perdura até os dias atuais, e a ocupação das ruas através do ciclismo/cicloativismo não poderia ser diferente.

Pensando as ruas como um espaço de disputa não só físico (de quem pode ocupar mais ou menos espaço), mas primordialmente de disputa simbólica e política, a reivindicação de que mulheres se façam mais presentes em movimentos ciclistas e ativistas é, antes, uma discussão de quais são os corpos que podem circular livremente no espaço público, que podem usufruir mais ou menos de determinados lugares, que podem gozar de determinados direitos e privilégios, de quais corpos são mais ou menos violáveis e vulneráveis.

Assim, é necessário debater, antes de tentar entender as possíveis razões pessoais ou coletivas que levam mulheres a (não) engajar-se com o cicloativismo, como a mulher – enquanto sujeito a quem historicamente lhe foi negado o direito de disputar o espaço

---

público – pode ressignificar sua própria relação com a rua, com seu corpo, com seu gênero. Em outras palavras, o cicloativismo precisa pensar quais são as condições que estão sendo dadas – físicas, estruturais, políticas e simbólicas – para que as mulheres possam disputar e reivindicar o ciclismo como uma expressão de sua cidadania e de sua liberdade. É preciso engajar homens e mulheres nesse debate de como as mulheres têm conseguido em maior ou em menor medida vencer o desafio de andar nas ruas sem temer que seus corpos sejam violados, de que sua integridade seja atacada, de serem negadas o espaço e a voz.

A (não) participação de mulheres em movimentos cicloativistas, em diferentes proporções, tem uma relação direta com esses espaços que foram negados à mulher, e que exige muita luta para que sejam disputados. Reivindicar a participação de mulheres nas ruas e nas ciclovias é, em última instância, batalhar por uma não inferiorização do feminino, por uma equanimidade entre os sexos dentro e fora das ruas, por um combate ao machismo e ao patriarcado que habitam todos nós, e que continuam a subjugar os corpos femininos à violência. É lutar por uma efetivação do direito à cidade.

Dessa forma, o feminismo enquanto movimento tem sido de extrema importância e precisa continuar sendo propagado porque contribui para discutir exatamente essas questões que tangenciam a experiência de ser mulher para além das ruas. Trazer o debate feminista para dentro do cicloativismo é fundamental não para ter mais mulheres participando de grupos cicloativistas, mas para que os problemas que incidem sobre o cicloativismo sejam combatidos em sua raiz, de forma a problematizar o ciclismo além da relação “bicicleta + rua”. Esse debate pode proporcionar uma reflexão, antes, sobre quais são as dificuldades, os medos e o que tem impedido as mulheres de disputar os espaços públicos e ocupar as ruas, ajudando a pensar primeiro em como podemos lutar pela inviolabilidade do corpo da mulher, pela não violência física, emocional e psicológica de mulheres, empoderando-as e fortalecendo sua resistência. Ser mulher e ocupar os espaços públicos, disputar física e simbolicamente as ruas é também um ato de enfrentamento, de não resignação e de luta por uma igualdade de gênero.

Em última instância, a questão das desigualdades de gênero no cicloativismo enriqueceria seu debate ao pensar não apenas a participação (ou não) de mulheres em termos de números, em uma preocupação de paridade e de representatividade, mas especialmente em promover condições ou dar subsídios para que as mulheres consigam enfrentar suas causas, superar os obstáculos que as impedem de envolver-se

---

com o cicloativismo, e, principalmente, de exercer sua autonomia e direito à cidade, de circular livremente onde quer que seja. De serem respeitadas e visibilizadas.

É interessante que essas temáticas habitem os movimentos cicloativistas e ultrapassem a discussão do machismo apenas **dentro** do cicloativismo, de modo que a bandeira do feminismo e de outros movimentos que representam “minorias” sejam condição para os grupos cicloativistas desempenharem seu papel na sociedade. Que o interesse na emancipação e na autonomia das mulheres, dentro e fora das ruas, seja um combustível para a existência do cicloativismo.

## 2. Apresentação

Em dezembro de 2017, a Ciclovida encerra sua gestão, pela primeira vez, com a totalidade de cargos eletivos ocupados por homens. Apesar de se tratar de uma situação inédita depois de três gestões de diretorias eleitas, a participação de mulheres, apesar de qualitativamente relevante, nunca foi quantitativamente muito expressiva.

A maior quantidade de homens usando bicicleta na cidade não explica este fato. A predominância de homens de bicicleta nas ruas é maior no Brasil como um todo, e isso não impediu que a quantidade de homens e de mulheres inscritas no Bicicultura 2017 - evento nacional pela promoção da cultura da bicicleta ocorrido no Recife - fosse similar. Além do mais, em 2017, as Ciclanas - coletivo de mulheres em bicicletas de Fortaleza - seguiram atuando de forma relevante, e a coordenação do Bike Anjo de Fortaleza esteve em mãos de uma mulher.

O Comitê Temporário de Paridade da Ciclovida surgiu para buscar uma resposta e sugerir soluções através da experiência de homens e mulheres no mundo do cicloativismo. Devido a limitações de tempo de seus integrantes, tivemos apenas quatro semanas para coletar entrevistas, estudá-las e redigir recomendações. A limitação de tempo, naturalmente, se converte em limitação de qualidade. Este trabalho, portanto, longe de ser conclusivo, serve para instigar o debate dentro da Ciclovida e de entidades similares e para dar um pontapé inicial a estudos mais aprofundados.

Coletamos depoimentos através de entrevistas presenciais, entrevistas por escrito por meio eletrônico e por formulário disponibilizado por poucos dias na internet. Todos os nomes citados são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

---

Por fim, dividimos as experiências das pessoas entrevistadas em seis tópicos distintos e, a partir deles, elaboramos as recomendações que se encontram no final do documento.

### **3. Participantes (nomes fictícios)**

#### **Entrevista presencial:**

**Maria** - Integrante da Ciclovida e das Ciclanas

**Joana** - Integrante das Ciclanas

**Ricardo** - Diretor da Ciclovida

**Roberta** - Ex-diretora da Ciclovida

**Mauro** - Ex-diretor da Ciclovida

**Thais** - Ciclista urbana sem vínculo em coletivo

#### **Entrevista por telefone:**

**Beatriz** - Integrante do GT Gênero da Ciclocidade (São Paulo)

#### **Entrevista por escrito pela internet:**

**Alessandra** - Ex-diretora da Ciclovida

**Soraia** - Integrante das Ciclanas

**Pedro** - Diretor da Ciclovida

#### **Por formulário na internet:**

**Antônio** - Integrante da Ciclovida

**Gabriela** - Integrante da AMEciclo (Recife)

### **4. Não basta não ter machismo - a questão de gênero precisa ser ativamente abordada**

Maria nunca passou por episódio de machismo na Ciclovida, porém lhe incomoda que o tema de gênero não seja abordado.

Eu não lembro disso ser uma pauta importante. De ser "isso precisa existir por algum motivo". Não lembro isso. E isso é algo que, assim, os homens não refletem sobre a ausência disso, entendeu?

A ausência de preocupação com o tema é identificada também por Ricardo.

---

(...) quando surgem as Ciclanas, primeiro, joga uma pauta muito objetiva de mulher, bicicleta, ativismo, que a Ciclovida nunca fez questão. A Ciclovida nunca jogou uma pauta dessas, entendeu?

A importância do tema não se limita ao combate ao machismo interno da entidade. A própria missão da Ciclovida fica comprometida pelo viés exclusivamente masculino sobre os problemas urbanos. Segundo Maria,

(...) por exemplo, quando você fala de segurança na rua, você fala da segurança na rua do lugar do homem. A gente vai falar da segurança na rua do lugar da mulher que usa a bicicleta e passa por diversas outras situações que o homem não passa.

## 5. O machismo estrutural afeta a Ciclovida

Ricardo também coloca que a exclusão de gênero que caracteriza nossa estrutura societária afeta o movimento cicloativista.

Acho que tem uma questão ampla que é mulher e política numa estrutura societária nossa é conformada uma exclusão de gênero e tal e, no sentido mais amplo possível, isso pode ser observado. Eu não acredito que isso não tenha impacto nenhum, não reverbere de forma alguma no movimento cicloativista, que é um movimento social como qualquer outro.

Roberta opina no mesmo sentido.

Isso é um movimento natural das coisas. Homens estarem à frente das coisas. Mas não significa que eles querem estar à frente das coisas porque eles dizem "ah, não vamos ter mulheres".

Gabriela, falando do contexto recifense, acrescenta a divisão desigual de tarefas domésticas como um fator dificultador da participação de mulheres.

(...) mudanças de vida sobrecarregam muito as mulheres, um pouco pelo machismo estrutural que as obriga a ter muito mais tarefas a realizar que os homens com os quais dividem suas vidas. É sempre mais difícil arrumar tempo para o voluntariado. Menos ainda para atividades de coordenação.

---

Apesar de não citar a divisão de tarefas, Alessandra também menciona a dificuldade de equilibrar as necessidades da vida pessoal e o ativismo.

Creio que a demanda de tempo também entra na conta, pois das mulheres com quem convivo que militam, acabam fazendo isso informalmente via Facebook ou no cotidiano.

Apesar de os efeitos do machismo estrutural serem observáveis em outros movimentos sociais, inclusive cicloativistas, como no Recife, não se trata de uma constatação conformista e não torna aceitável este mesmo fenômeno dentro de cada coletivo. Pelo contrário, a observação nos ajuda a buscar soluções para evitá-lo.

## 6. Ausência de mulheres gera ausência de mulheres

Para Ricardo, a ausência de mulheres na Ciclovida não é de hoje.

(...) já faz um tempo que não tem, né? Desde sempre foi muito minoritário. Acho que, quando comecei a me envolver, em 2013, no movimento cicloativista, já tinha uma ou duas meninas, assim, na Ciclovida, nunca passou disso. Não me vêm à mente imagens de mulheres, assim, tão engajadas.

A escassez de mulheres deixa de incentivar a participação de outras mulheres.

E, por serem muito poucas, acho que torna as razões de elas participarem muito individuais. Já as razões de os homens estarem são mais coletivas, eu acho, mais sociológicas, assim. Aliás, né, isso está relacionado mutuamente. Também é sociológico que as mulheres não estão.

E a dominância quantitativa de homens desincentiva a participação de mulheres.

Um ambiente que é dominado por homens, dominado no sentido quantitativo, mesmo, (...) vai ser avesso, digamos assim, naturalmente, porque é naturalmente incorporada a posição de dominância masculina. E ainda mais num ambiente que vê em minoria as mulheres, tende a ser menos receptivo [para as mulheres].

Talvez como um reflexo deste fenômeno, Roberta, que chegou sem dificuldades à direção da Ciclovida, pessoalmente tem facilidade para trabalhar em ambientes dominados pela presença de homens.

---

(...) eu sempre me dei muito bem com homens. E eu sempre absorvi, sempre lidei com as coisas de uma forma muito tranquila com os homens em geral, desde a escola, digamos.

A ausência de mulheres também resulta na falta de debates de gênero internamente na Associação. Conforme Mauro, os espaços para esses debates são cedidos para as Ciclanas porque os diretores homens reconhecem ser delas o lugar de fala.

Quando a gente discutiu o papel do homem - o papel de não tomar o protagonismo, de dar lugar de fala, de escutar, a Ciclovida seguiu todos esses papéis, como se a Ciclovida fosse a Associação masculina. Mas a Ciclovida seguiu esse papel porque de fato só tinha homem, né.

(...) do fato de os diretores serem todos homens, a Associação acaba tomando uma postura, entre aspas, a postura adequada que o homem tem que ter dentro do feminismo. Então é uma consequência difícil de você tirar se não tiverem meninas dentro da Ciclovida.

## **7. As Ciclanas atraem as mulheres cicloativistas**

Para Ricardo, algumas mulheres que poderiam participar da Ciclovida tendem a se envolver nas Ciclanas.

(...) tem muitas mulheres que já se ativavam em outras organizações e participaram da fundação das Ciclanas. Então com essa pauta muito clara delas, é mais fácil elas aglutinarem (...) [quem] está começando a pedalar e quer militar também - então isso é evidente, assim, a Ciclovida nunca fez isso, nem lá atrás nem agora, e as Ciclanas fizeram. Então as mulheres que poderiam vir a participar da Ciclovida acabam se engajando nas Ciclanas.

Roberta ressalta o poder de atração das Ciclanas sobre as ciclistas feministas.

Nesse cenário em que surgem as Ciclanas, existia também um movimento natural de fortalecimento do movimento feminista. Então imagina - imagina você ser mulher em Fortaleza, pedalar, e ser feminista, e ter anseio, sede pelas causas feministas e anseio por atuar nelas, e, de repente, surge um movimento feminista ao qual você acredita que você pode se integrar.



---

Alessandra entende que as demandas das mulheres são melhores compreendidas pelas Ciclanas, enquanto a Ciclovida se limita às demandas dos homens.

A sensação [é] de que a pauta da ciclovida cobre os problemas dos ciclistas masculinos, mas que a pauta das mulheres ciclistas é melhor compreendida e debatida dentro das Ciclanas.

Pedro também reconhece que as Ciclanas compreendem melhor as necessidades das mulheres.

(...) acredito q a realidade masculina é muito diferente da realidade feminina no uso da bicicleta. [Talvez] por isso as meninas se aproximem mais das ciclanas do que da ciclovida. Embora a ciclovida tenha uma atuação mais abrangente, acredito [que] seja pouco para as mulheres.

Para fins de comparação, em São Paulo, o fenômeno parece ser o inverso. As Pedalinas, grupo que inspirou muitas integrantes das Ciclanas, já não existem mais para além do espaço virtual. Neste contexto, as mulheres cicloativistas tendem a se identificar com o GT Gênero da Ciclocidade. Como se trata de um GT da Associação, a adesão das mulheres às demais atividades da entidade se torna mais fácil - e é também um objetivo do GT, como explica Beatriz.

[As mulheres que aparecem na Ciclocidade] muitas vezes estão querendo entrar no GT Gênero. Então a gente tem uma lista de e-mails que volta e meia a gente recebe uma mensagem "a fulana pediu para ser adicionada ao grupo, a sicrana pediu para ser adicionada ao grupo". Aí rolam discussões virtuais e rolam os chamados para as coisas presenciais, para as reuniões presenciais, para eventos, enfim. E aí, nisso, mulheres começam a se envolver, começam a aparecer. A gente faz o chamado para as reuniões gerais da Ciclocidade também.

As Ciclanas surgiram em 2015 como um coletivo de mulheres que usam bicicleta como transporte urbano em Fortaleza. Em pouco tempo, já se tornaram referência dentro do cicloativismo brasileiro. A Ciclovida surgiu em 2013. Portanto, quando as Ciclanas foram fundadas, já havia mobilização cicloativista em Fortaleza. O surgimento das Ciclanas está relacionado ao machismo dentro do movimento cicloativista. Dentro do grupo de Facebook Fortaleza de Bike ao Trabalho, um cicloativista decidiu distribuir rosas no dia da mulher. Mulheres no grupo sugeriram o abandono da ideia, por promover o simbolismo da fragilidade da mulher em um dia marcado pela luta por direitos e respeito. O cicloativista concluiu quealaria com o dono da floricultura - também um homem - para chegar a uma decisão final. Diante do machismo não só

---

simbólico, mas performativo no ato de alguns homens de desconsiderar a opinião de mulheres e de outros de se calar perante a situação, as mulheres consideraram necessário um espaço exclusivo para mulheres dentro do cicloativismo.

O histórico das Ciclanas mostra que, se é possível que algumas mulheres entrariam na Ciclovida não houvesse as Ciclanas, é provável que, neste mesmo contexto, algumas mulheres não entrariam sequer no cicloativismo.

## **8. Os caminhos das Ciclanas eram distintos dos rumos da Ciclovida**

Para Roberta, houve segregação por parte das Ciclanas em relação à Ciclovida.

(...) o que eu percebi - e aí eu não estou dizendo que ninguém fez certo, ninguém fez errado, tá? - mas o que eu percebi é que as próprias Ciclanas se autossegregaram. Então elas usaram muito esse momento, esses espaços em prol da promoção da causa da mulher na bicicleta para uma autossegregação. Talvez porque elas tinham interesses muito pontuais em estarem unidas e tal. Existiam interesses alheios à causa central da Ciclovida naquela circunstância.

Maria explica que o escopo das atuações das Ciclanas e da Ciclovida eram distintas e, portanto, não havia interesse daquelas em realizar as ações na Associação.

Nosso principal objetivo era aumentar o número de mulheres de bicicleta na rua. Ponto. Tanto é que, no começo, a gente fazia muito bonde. A gente tem um mapeamento de mulheres com endereço onde as mulheres colocaram endereço, de onde saiam, que horas sai, (...) qual é sua rota, que é que tu faz. No começo, a gente fazia companhia. A menina mora no Monte Castelo, a outra mora no Parquelândia, a do Monte Castelo consegue se encontrar com a da Parquelândia e fazer aquela rota junto. Até criar coragem para ir sozinha. Então esse era o principal ponto das Ciclanas. Ter mais mulheres. Ter mulher sem medo de andar na rua, tendo propriedade naquele lugar e tal. A pauta do cicloativismo sem a questão de gênero, não sei se é possível, mas (...) ela não é prioridade. Questão da bicicleta. Para além da nossa utilização, o papel da bicicleta como pauta no poder público - o que a Ciclovida faz - não era a nossa principal meta, não é ainda. Não é a principal importância.

---

Atualmente, porém, tanto o fortalecimento das Ciclanas quanto a conjuntura política abrem portas para o coletivo tomar novos rumos.

(...) essa pauta que se tem agora de multas para pedestres e ciclistas. A gente pega muita contramão, muita contramão. Principalmente de noite. E a gente pega por segurança. Segurança com o nosso corpo, com a nossa integridade física. A gente tem medo de ser abordada em uma rua escura que tem ciclofaixa, mas é estruturalmente péssima, com muito buraco, é mal iluminada, mas aí tem uma avenida do lado, que tem iluminação. Ela é larga; eu posso escapar de uma coisa muito mais fácil do que a outra rua que é pequena. Então eu vou pegar a contramão. Claro que eu vou pegar a contramão. Mas agora eu corro o risco de levar uma multa, ter minha bicicleta apreendida, porque eu estou tentando salvar a minha vida, a minha integridade física. Então agora a gente tem essa nova pauta. E essa nova pauta (...) está chegando nas Ciclanas muito lentamente. E eu acho que, estando na Ciclovida, ela já teria sido abordada. Ela teria tido outra velocidade, que é uma velocidade que essa pauta exige. (...) acho que a gente agora precisa ter outra velocidade porque as coisas estão em outra velocidade. E está chegando porrada. E é por isso que eu digo - não vejo problema em estar nos dois lugares, porque as pautas estão agora diferentes e - de novo - acho que a gente já está forte suficiente para começar um novo capítulo, fazer outra coisa e abrir outros caminhos.

De fato, durante a elaboração desta pesquisa, três mulheres foram eleitas a cargos dentro da Ciclovida, resultando em paridade na totalidade de cargos eletivos. As três mulheres integram as Ciclanas.

## **9. A mudança deve partir de mulheres**

Para Roberta, a ausência de mulheres na atual diretoria decorre da ausência de interesse por parte de mulheres que já estavam na Ciclovida.

(...) faltou interesse por parte de mulheres porque local existia, nomes existiam. Inclusive nomes que estavam no e-mail discutindo coisas. Mas é muito fácil discutir. É muito fácil chegar no e-mail e dar minha opinião. Mas me compromissar não é fácil. (...) Não estou dizendo que essas mulheres não tinham motivos pessoais, profissionais. Mas eu acho que não houve esse interesse que não era interesse que era

---

esperado que os meninos somente tivessem de sair correndo atrás.

Por sua experiência, mulheres não sofrem resistência por gênero dentro da Associação.

Por estar em meio a um movimento em que as mulheres têm uma maior liberdade de estarem à frente, me causa muito impacto e estranhamento não ter essas mulheres de fato à frente. E aí, eu volto a dizer, eu acredito que seja um desinteresse. (...) Na Ciclovida, as mulheres sabem que elas têm abertura. Eu não tenho a menor dúvida que, se uma mulher quiser entrar na Diretoria da Ciclovida, não vai existir ninguém que diga "não, você não vai porque você é mulher", ou ninguém que se comporte de forma tal, mesmo que fique só nas entrelinhas. Eu acho pouquíssimo provável que isso aconteça.

(...)

Quantas vezes eu sentei nessa mesa aqui, quatro homens e só eu de mulher. E ninguém nunca passou a minha vez de falar, ou me ridicularizou ou algo assim (...)

Beatriz lembra o exemplo do GT Gênero da União de Ciclistas do Brasil, que foi puxado por um homem e acabou não pegando fôlego até hoje. Para ela, se as mulheres não estão interessadas em atuar na Ciclovida, simplesmente não vai acontecer.

(...) o GT Gênero da UCB surgiu muito por cutucões do Guilherme Tampieri, assim, e eu não sei se a gente estava preparada para disponibilizar tempo para isso, saca? Então acho que tem que ser iniciativa de mulheres que estejam dispostas a colocarem o tempo delas, investirem o tempo delas na criação dessa articulação. Porque, se elas já estão envolvidas em outras coisas, se elas não estão a fim de ficar em contato, ou, enfim, não estão a fim de investir tempo delas, que elas acham que é mais valioso, sei lá, nas Ciclanas, ou mais valioso (...) no Bike Anjo, se elas não estão a fim de botar esse tempo na Ciclovida, o negócio não vai rolar.

É importante que tanto a iniciativa quanto o chamado partam de mulheres para mulheres.

(...) tem uma coisa de a gente se sentir mais acolhida, né, de a gente achar que faz mais sentido, tipo - rola uma coisa às vezes em algum momento tipo "ah, esses caras pedindo pra participar", tipo "eu não to a fim", sabe? Então tem que ser uma coisa - pedir pra

---

participar e não acharem que, tipo "ah, é só porque eles estão numa organização que só tem homens e eles querem limpar a barra deles".

Mauro ressalta que, como o papel dos diretores homens não é de protagonismo dentro do feminismo, a iniciativa de mulheres é imprescindível.

A gente cedeu todas as nossas passagens para elas discutirem questões de gênero no Fórum Nordeste. A gente cedeu espaço - trouxe a Aline para o Mês da Mobilidade. O projeto Ciclovida de Pentecostes. Agora, a gente não pode, de fato, discutir, porque não é o nosso papel. Não enquanto Ciclovida, enquanto diretores homens. Enquanto não houver iniciativa feminina dentro da Ciclovida, a Ciclovida vai continuar se comportando como o papel de homem dentro do feminismo. Não tem como mudar isso tendo só homem na Associação.

## **10. *Mansplaining*: a Ciclovida aparenta ser um grupo fechado e elitizado**

Thais tende a não se sentir à vontade para participar da Ciclovida, que aparenta ser um grupo fechado e autossuficiente.

[Eu vejo a galera da Ciclovida] como se fosse mais fechada, mesmo. Uma panela mais individual, sabe? É diferente, tipo, do Bike Anjo. Das três, a que eu mais me veria - e a que eu mais gosto de participar, de voluntário, é o Bike Anjo. As Ciclanas, mais assim também, gosto muito das meninas, então quando chama e tal, eu tento me fazer presente. Mas a Ciclovida eu acho que é - eu vejo a galera mais como autossuficiente.

Antônio também percebe o caráter pouco convidativo da Associação.

Acho que há pouca participação de mulheres na Ciclovida, principalmente, porque falta mais esclarecimento para as "ciclistas não ativistas" sobre o que é a Ciclovida e sobre como será bom para elas ingressarem na Associação. Para quem é leiga em cicloativismo, a "bolha" dos e das cicloativistas é meio difícil de ser penetrada.

Joana, por sua vez, sentia vontade de participar, porém também sentiu dificuldade por os membros da Ciclovida serem um grupo fechado.

---

Deixa eu te falar uma coisa, tu acredita que eu sempre tive vontade de participar da Ciclovida, mas eu nunca achei como chegar? Você não tem ideia.

Vista como elitizada, a Ciclovida aparenta possuir requisitos para que uma pessoa se torne voluntária. Segundo Thais:

(,,,) você se tornar voluntário, é como se você tivesse que preencher alguns requisitos e tal pra você saber se portar. E o que eu não vejo no restante. Eu vejo uma mescla maior, tanto nas Ciclanas quanto no Bike Anjo. Tipo, a gente está aberto. Com o que você puder contribuir, você pode chegar junto. A Ciclovida - eu vejo a Ciclovida mais... uma coisa mais elite.

Se o elitismo afetava Thais inibindo sua vontade de participar, Joana, por sua vez, gostaria de se integrar, mas não se sentia capacitada.

(...) eu achei que eu não estava apta para fazer parte da Ciclovida. Não como mulher, como cicloativista. Entendeu? Nas Ciclanas eu não me sinto nem um pouco assim.

O elitismo, para além do conhecimento necessário para participar da Associação, também passa pela região onde se atua. Soraia, moradora de bairro afastado do centro econômico de Fortaleza, sente-se ignorada em ambientes da Ciclovida.

Os locais de reunião/encontro são, geralmente, muito longe de onde moro. Nas ocasiões em que tive contato com algumas pessoas da Ciclovida, não me senti muito à vontade, achei muito elitizado, as pessoas já haviam me visto em eventos do cicloativismo mas passavam por mim e [não] cumprimentavam.

Joana se aproximou mais do cicloativismo institucional no Fórum Mundial da Bicicleta. Lá, ela relata ter conhecido as lideranças e ter percebido que ela própria não estava aquém dos demais.

Quando eu fiquei hospedada no meio dos meninos todos, eu vi que não era essas coisas todas não. Aí eu "valha!". Não é uma coisa que eu teria dificuldade, de maneira nenhuma. Inclusive as temáticas, os trabalhos que foram apresentados, eu entendi completamente de cada um ali.

A inter-relação entre o elitismo da Ciclovida e gênero pode estar no fenômeno do *mansplaining*. Os homens tendem a se sentir capazes de dar explicações em temas sobre os quais não possuem familiaridade, recebendo atenção natural das pessoas. Já

---

as mulheres costumam ter sua capacidade questionada - ou preliminarmente negada. Com isso, assumir um papel dentro de uma entidade elitista tende a ser mais fácil para um homem, que se sente naturalmente capaz, do que para uma mulher, que ainda precisa convencer-se de que é capaz. Não por acaso, o elitismo da Associação só foi observado por mulheres, passando batido para todos os homens entrevistados.

Joana explica através do exemplo dos relacionamentos, em que socialmente se espera a iniciativa do homem:

Os homens são criados para ser assim [em] questão de relacionamento: que tem que chegar na mulher que ele não conhece, que ele tá vendo pela primeira vez na festa, e aí "vou chegar nela". A gente foi criada não para isso.

(...)

Isso, quer queira quer não, é de uma psicologia tão profunda que abrange até coisas dessa dimensão. A postura, uma fala mediante um assunto que a gente tem um breve conhecimento que talvez bastasse uma hora de leitura.

O elitismo da Ciclovida não significa que os integrantes da Ciclovida possuam, de fato, maior conhecimento sobre questões cicloativistas. Esta aparente superioridade de conhecimento é apenas uma imagem que engana e dificulta a inserção de novos - e, principalmente, novas - integrantes.

(...) é uma imagem. O elitismo é imagem. Porque a minha experiência no Fórum Mundial responde isso. Eu cheguei lá e eu vi que não é tudo aquilo.

## 11. Recomendações

Com base nos obstáculos encontrados pelas mulheres para participar da Ciclovida, sugerimos a adoção das seguintes medidas, que tendem a ser mais eficazes caso lideradas por mulheres:

- Pulverizar as ações da Ciclovida em diferentes regionais, com o apoio de moradoras da região;
- Realizar oficinas de formação destinadas a mulheres ou, no mínimo, com paridade de participantes;
- Criar um GT formado exclusivamente por mulheres;
- Ampliar o debate sobre gênero, eletrônico e presencialmente;
- Dividir as atividades em GTs para abrir mais espaços de liderança;
- Priorizar mulheres em espaços de liderança e representação;
- Confiar espaços de liderança a mulheres sem experiência cicloativista;
- Atentar a posturas que possam demonstrar elitismo e arrogância;
- Em eventos, dar maior atenção a pessoas menos integradas à Ciclovida;

- 
- Melhorar a comunicação interna e externa para informar sobre as ações da entidade, enfatizando a abertura à participação de todas as interessadas;
  - Fazer chamados públicos explicitando necessidade de novas voluntárias;
  - Politizar as discussões do cicloativismo (trazendo não apenas questões de gênero, mas de outras pautas políticas que influenciam diretamente sobre o direito à cidade); e
  - Produzir espaços de debate dentro da Ciclovida sobre direito à cidade, desigualdade de gênero, classismo, mobilidade urbana, convidando os diversos setores da sociedade (tentando integrar, por exemplo, espaços acadêmicos, comunidades, bairros, CUCAs).

### **Comitê Temporário de Paridade da Ciclovida**

Celso Sakuraba  
Débora Machado  
Jéssica Carneiro